



O papel da literatura “memorialista” na memória oficial da Escola Profissional Delfim Moreira em Pouso Alegre/MG (1917-1947)

Giovane Silva Balbino¹
UNICAMP
giovanesilvabalbino15@yahoo.com

A presente pesquisa tem como objetivo de analisar o papel da literatura memorialista na construção da memória oficial, da Escola Profissional Delfim Moreira, fundada em 1917. Essa escola busca a formação de trabalhadores para os ofícios manuais, buscando atender os meninos pobres e órfãos, oferecendo as seguintes oficinas: tipografia, sapataria, carpintaria, marcenaria, oficinas de artes, além de uma seção agrícola. Iremos analisar as seguintes obras: “*Uma História que já vai longe – em confecção*” de Alvarina A. de O. Toledo, “*A História de Pouso Alegre*” de Octávio Miranda de Gouvêa e “*Estórias do Mandu*” de Eduardo A de O. Toledo, essas obras buscam reproduzir uma visão das elites sobre a “importância” da educação profissional, na dignidade do trabalho e da conservação dos princípios cristãos na sociedade pouso alegre. Para a execução dessa pesquisa, partiremos com a compreensão do conceito de memória (LE GOFF, 2013) e as suas narrativas enaltecendo a formação de trabalhadores nos princípios da industrialização (CUNHA, 2005) e (QUELUZ, 2000). Concluímos que essa pesquisa pretende colaborar com os estudos relacionados com a literatura e história no campo da história da educação profissional.

Palavras-chave: Memória; educação profissional; literatura; história.

A fundação da Escola Profissional Delfim Moreira em 1917, na cidade de Pouso Alegre é enaltecida pela memória oficial construída pela literatura memorialista. Essa forma de literatura buscava valorizar os aspectos da religiosidade e também das elites locais pouso alegrenses.

Começamos a nossa explanação de como problematizamos essas fontes históricas em nossa pesquisa. Primeiramente é necessário elucidar quais obras memorialistas foram aqui utilizadas: “*História de Pouso Alegre*” de Octávio Miranda Gouvêa; “*Uma História Que Já Vai Longe*” da Alvarina Amaral de Oliveira Toledo; “*Estórias do Mandu*” de Eduardo Amaral de Oliveira Toledo, essas obras encontramos disponíveis no acervo do Museu Municipal Tuany Toledo na cidade de Pouso Alegre.

¹ Mestrando em Educação, UNICAMP. Pesquisa financiada pela Agência de Fomento: **CNPq**. E-mail: giovanesilvabalbino15@yahoo.com



A interlocução entre a literatura e a história é o ponto que precisamos identificar nesses escritos memorialistas, sua elaboração consiste na perpetuação histórica e da memória oficial das elites locais.

Se literatura e história contribuem para a formação da nação – ou melhor, para a construção de seus símbolos –, a nação não ganha existência somente a partir delas, ou seja, não nos parece adequado que a produção literária sobre o Brasil seja lida privilegiadamente na chave de formação da nação ou de uma crescente consciência da nação sobre si mesma. (CAMILOTTI; NAXARA, 2009, p. 48)

As obras memorialistas buscam por meio dos elementos históricos e com uma narrativa literária enaltecer a história de fundação da cidade, os seus “heróis” e seus políticos importantes, a maioria das obras exaltam a importância da Igreja Católica para o desenvolvimento local. Os memorialistas, contudo, se diferem dos historiadores no tratamento das fontes e de noções conceituais relacionadas com a problematização dos acontecimentos históricos (SANTOS, 2009).

Os memorialistas locais se preocuparam em narrar os acontecimentos, após a elevação do 3º Bispo Diocesano Octávio Chagas de Miranda, no comando da Diocese de Pouso Alegre em 1916. O memorialista Eduardo Amaral de Oliveira Toledo (1998, p. 99), chama atenção a partir do ano de 1917 na cidade:

Em 1917, Pouso Alegre era uma das importantes cidades do interior de Minas Gerais
Nela pulsavam fortes, na educação, o **“Grupo Escolar Monsenhor José Paulino” (a coqueluche da região) ao lado do Colégio São José (o melhor do Sul de Minas e com projeção nacional)**; o Teatro Municipal (ponto de encontro das grandes companhias teatrais, com passagem no eixo Rio – São Paulo – Belo Horizonte); o 10º Regimento de Artilharia Montada, sob o comando do Cel. Pradel, que se instalava na cidade; a Faculdade de Farmácia e Odontologia, que agitava a juventude sul-mineira.
Pouso Alegre e sua gente viviam um clima de absoluta prosperidade. (grifo nosso)

Pela narrativa podemos entender que a cidade de Pouso Alegre/MG estava possuindo avanços consideráveis na área da educação e no aparato institucional. Também nesse período tinha na cidade estabelecimentos educacionais que atendiam as elites locais, tais como o Ginásio Diocesano – atualmente Colégio São José – e o Instituto das Dorotéia – instinto na década de 1970. Além da Faculdade de Farmácia e Veterinária e do quartel do Exército Brasileiro.



A memória oficial nos apresenta que esses elementos são essenciais para uma cidade que almeja o progresso social e industrial. Essas características têm como objetivo de “ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas” (LE GOFF, 2013, p. 486), portanto, “Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória” (Ibidem, p. 473), essas são formas de fazer a memória de uma classe social dominante, nesse princípio, a fundação, a organização e a manutenção da Escola Profissional Delfim Moreira é tido como relevante por parte dos memorialistas.

Acerca desses detalhes encontramos um trecho que explora a memória oficial das ações do Bispo Diocesano Octávio Chagas de Miranda que foram denominadas de “grande alcance social”. A grande ação do Bispo, segundo o memorialista esteve na fundação da Escola Profissional, também atrelado ao projeto de formação de trabalhadores: “uma série de realizações de grande alcance social, dom Octavio fundou em 1917 **uma escola profissional para meninos pobres**, a princípio anexa ao Ginásio Diocesano” (GOUVÊA, 1998, p. 181) (grifo nosso).

A fundação da Escola Profissional esteve atribuída ao projeto das elites religiosas e políticas pouso alegrenses. A formação da força de trabalho buscava atender as exigências das manufaturas que estavam sendo instaladas na região, sendo o seu público alvo os meninos pobres e órfãos do município. O terreno pertencente à Diocese de Pouso Alegre/MG foi o “(...) local escolhido para a construção da escola foi a rua Monsenhor José Paulino, região que abriga outros estabelecimentos de ordem religiosa como o Palácio Episcopal e o Colégio São José” (ESPÍNDOLA, 2016, p. 306).

A construção da memória oficial acontece quando enaltece a ação de organização da Escola Profissional Delfim Moreira, após a sua fundação. A presença política é vista como essencial para os projetos da Igreja Católica, mesmo ocorrendo uma mistura religiosa com os elementos políticos em torno da atuação do senador Eduardo Amaral e membro do Partido Republicano Mineiro (PRM), com o Bispo Diocesano na organização da Escola Profissional.

A doação como é chamada na narrativa memorialista deve ser interpretado como um financiamento privado e público, por parte da elite política pouso alegrense. A



iniciativa do senador Eduardo Amaral de doar uma chácara e um prédio que foi instalado a Escola Profissional Delfim Moreira.

No entanto, para que vingasse, eram necessários recursos financeiros: terreno para abrigar a escola, dinheiro para executar a obra. Dom Otávio, com sua característica tenacidade, lançou o desafio. E logo encontrou respostas: o Senador Eduardo Amaral, recentemente elevado a Vice-Presidente de Minas, por eleições diretas, como católico praticamente e desprovido de exagerado apego ao seu pequeno patrimônio e aos seus bens particulares, doou ao Bispado todo o terreno de uma chácara de sua propriedade, onde foi construída a Escola Profissional, com grande área para a agricultura. Nessa sua doação, sem nenhuma cláusula, visou o Senador Eduardo apenas a **beneficiar os pobres carentes de sua terra natal**, oferecendo ainda à instituição todo o seu apoio de cidadão e chefe político. Dom Otávio ainda recebeu as seguintes doações: dez mil contos do Governo Federal, por intermédio do Dr. Josino de Araújo, Deputado Federal, ilustre pouso-alegrense; dois mil e quinhentos contos do Governo Estadual; seiscentos contos da Câmara Municipal; do Dr. Cícero Rosas, assistência médica e gratuita; do Major Augusto Libânio, domo da Companhia Força e Luz, fornecimento gratuito de instalação de energia elétrica; do Padre Mendonça, o pagamento da metade do mobiliário; do Cônego Antônio Dutra, um trole para transporte; do Dr. Ataliba de Melo, dois burros para carga. (TOLEDO, A, 1997, p. 78) (grifo nosso).

A ação do senador Eduardo Amaral na doação provocou rebuliços na elite política e da sociedade pouso alegrense, pois possibilitou que esses mesmos doassem recursos, em nome de Deus para a escola que estava sendo organizada pela Igreja Católica. Essas formas de financiamentos das esferas públicas ou privadas remetem a concepção de poder, na qual estava sendo construída a Escola Profissional Delfim Moreira em Pouso Alegre/MG.

A presença da elite pouso alegrense – políticos, religiosos, comerciantes, fazendeiros, industriais e famílias tradicionais – na organização e manutenção das atividades da Escola Profissional reforça, os interesses em torno da instituição que tinha como objetivo de formar trabalhadores nos ofícios manuais.

A Escola Profissional Delfim Moreira foi construída em um ambiente totalmente voltado para os aspectos da religiosidade. A influência da Igreja Católica na instituição é evidente, pois o sentido profético do trabalho, sendo inspirado na Encíclica de Leão XIII, o *Rerum Novarum* de 1891, essa Encíclica trouxe uma nova perspectiva de atuação da Igreja Católica frente as questões do trabalho e da educação. Também precisamos compreender que após a Proclamação da República em 1889 ocorre uma nova organização eclesiástica, como a sua atuação no Brasil e na América Latina.



Os efeitos da Constituição Republicana de 1891, o “Estado e Igreja passaram a ser instituições separadas. Deixou assim de existir uma religião oficial no Brasil” (FAUSTO, 2018, p. 142), a separação entre o Estado e Igreja Católica como parte constituinte da política do país. Na prática, essa separação possibilitou a Igreja Católica “situar o processo de “construção institucional” da organização eclesiástica no Brasil das primeiras décadas do regime republicano” (MICELI, 2009, p. 19).

A Igreja modificou a sua forma de atuação perante as transformações que estavam ocorrendo na Primeira República, mais esse “processo de crise e de perda da influência, a Primeira república significou para a Igreja um momento de reconstrução” (ARDUINI, 2015, p. 42). Em Pouso Alegre/MG podemos perceber o destaque que a Igreja Católica tinha perante a sociedade local.

A instituição tinha-se como objetivo de oferecer um ensino de ofícios para os meninos pobres e órfãos em Pouso Alegre/MG. Observamos que a educação nesse período é vista como redentora de virtudes e o trabalho como princípio de dignidade cristã e humana, por parte das elites religiosas e políticas pouso alegrenses. A narrativa memorialista enaltece o papel da Igreja Católica para o progresso pouso alegrense, principalmente, após a fundação da Escola Profissional Delfim Moreira estava relacionada com o progresso e com a restauração católica.

Essas instituições educacionais eram vistas em todo o Brasil, como essenciais no desenvolvimento econômico e industrial na sociedade brasileira, conforme indicaram as pesquisas de Batista (2013), Gonçalves (2001), Machado (2010) e Silva (2004). A preocupação com o progresso “cultural”, econômico e político, se faz presente na memória oficial da Escola Profissional Delfim Moreira.

Mas... alguma lacuna pairava no ar! **Nesse ambiente de prosperidade e progresso**, o Bispo Dom Otávio Chagas de Miranda, como um pastor zeloso de seu rebanho, **vendo a carência de luzes por que passavam os mais humildes**, sentiu que, para o repentino progresso que chegava à cidade, era necessário algo que o completasse. E numa hora de boa inspiração **plantou a semente da criação de uma escola profissional que acompanhasse o progresso cultural da cidade**. Sob seu comando e com o apoio da comunidade católica pouso-alegrense a idéia floresceu. (TOLEDO, A, 1997, p. p. 77 - 78) (grifos nossos)

O discurso traz o motivo da criação da escola profissional foi, principalmente, pela “carência de luzes”, essa perspectiva pode ser compreendida como a falta de



disciplina das classes populares, em relação a sua rebeldia, a falta de ordem e na tentativa de manutenção do poder nas mãos das elites pouso alegrenses. Até porque o progresso cultural estaria avançando perante a educação dos meninos pobres e órfãos, segundo a liturgia católica do trabalho e dos valores morais da religião.

A relação do trabalho e educação estavam interligados nesse contexto histórico, pois a “formação de uma força de trabalho qualificada era vista não só como forma de manutenção da ordem e de prevenção da desordem” (CUNHA, 2005, p. 30). As oficinas reforçam o papel da Escola Profissional Delfim Moreira, como centro de capacitação dos meninos pobres e órfãos na sociedade pouso alegrense.

Essa forma de qualificação profissional é usada como instrumento das elites políticas e religiosas no combate a indisciplina, além de possibilitar a inserção de uma força de trabalho especializada e obediente, seguindo os interesses dos industriais locais. A narrativa memorialista enaltece o Bispo Diocesano pela ação, considerada como uma visão “futurista” e progressista naquele período.

Nesses tempos o pastor da cidade, Dom Otávio Chagas de Miranda, com os olhos voltados para os mais **humildes e carentes, numa visão futurista, identificou o progresso que se avizinhava com precisão de mão-de-obra qualificada.** Vendo a pobreza também crescendo, D. Otávio, em momento de grande inspiração, idealizou a criação de uma **Escola Profissional, com a finalidade de preparar o seu rebanho mais humilde para o trabalho.** (TOLEDO, E, 1998, p. 99) (grifos nossos)

O caráter assistencialista, mas que tinha objetivos de ampliar a divisão social do trabalho favorecia o desenvolvimento das oficinas da Escola Profissional Delfim Moreira na industrialização pouso alegrense. A formação de trabalhadores qualificados e especializados, além da preparação do “rebanho”, isto é, dos “humildes” em prol da valorização do trabalho na via cristã, nos mostram a presença da disciplina e da moral religiosa sobre os alunos. Pois o “aprendizado de um ofício artesanal ou manufatureiro era entendido (...) como um meio de corrigir as condutas desviadas, orientando-as para o destino “natural” das crianças pobres – o trabalho” (CUNHA, 2005, p. 47).

Em relação ao trabalho, os memorialistas chamaram atenção do papel que as oficinas proporcionariam para desenvolvimento do progresso local, por mais que a narrativa ainda incorpora uma linguagem “cristã”: “A história da Escola Profissional de



Pouso Alegre tem muitas etapas. É uma história magnífica, **feita de crença, amor, trabalho e perseverança**” (TOLEDO, E, 1998, p. 99) (grifo nosso).

As narrativas enaltecem a ação do Bispo D. Octávio na iniciativa de criar uma escola profissional favoráveis as classes populares. As oficinas instaladas colaborariam com os ensinamentos dos ofícios manuais aos alunos pobres e órfãos atendidos nessa instituição, esse ato garantiria um “sustento digno”, ou seja, por meio do trabalho que se encontra a pureza e a dignidade humana, segundo os princípios cristãos.

A função do adjetivo tem como princípio de dar qualidade ao substantivo, a “escola benemerita” tem duplo sentido nesse momento: o primeiro se assenta nos interesses das elites políticas e religiosas no processo de disciplinarização das classes populares; e o segundo, de contribuir para alguma causa, esse pretexto se encaixa no processo de industrialização regional.

Criada esta casa de **educação e trabalho**, ela se desenvolveu com a construção de novos pavilhões e implantação de várias oficinas, como carpintaria e marcenaria, alfaiataria, oficina de artes, além de uma seção de agrícola, contando **dom Octávio** com a colaboração e os trabalhos inestimáveis de vários diretores que se sucederam na sua administração. (GOUVÊA, 1998, p. 182) (grifos nossos)

Assim, com muita luta e determinação nasceu a Escola Profissional chamada de escola benemerita, uma vez que se dedicaria à educação de meninos pobres, que deveriam se profissionalizar em carpintaria, marcenaria, sapataria, imprensa, lavoura, **o que lhes garantiria um sustento digno**. (TOLEDO, A, 1997, p. 78) (grifo nosso).

Educais as massas para o trabalho baseado nos valores morais do trabalho e do catolicismo, também é uma questão disciplinadora voltada para uma sociedade que adentrava no processo de industrialização e da preservação das “hierarquias” presentes na localidade. O ensino profissional nesta época possuía alguns aspectos pedagógicos e disciplinar, conforme assinala Cunha (2005, p. 4):

a) imprimir neles a motivação para o trabalho; b) evitar o desenvolvimento de idéias contrárias à ordem política, que estava sendo contestada na Europa; c) propiciar a instalação de fábricas que se beneficiariam da existência de uma oferta de força de trabalho qualificada, motivada e ordeira; e d) favorecer os próprios trabalhadores, que passariam a receber salários mais elevados.

Ensinar os filhos das classes desfavorecidas sobre o valor do trabalho e também disciplinar as mentes, para não caírem no “pecado”, essas eram as estratégias das elites



posso alegres na organização curricular e da manutenção de recursos financeiros e do apoio das instituições educacionais.

Os memorialistas, Alvarina Amaral de Oliveira Toledo e Eduardo Amaral de Oliveira Toledo, narram cuidadosamente e com detalhes os primeiros 365 dias da Escola Profissional Delfim Moreira, “ainda sem sede própria, a escola funcionou anexa ao Colégio Diocesano, oferecendo o ensino das primeiras letras, além dos cursos de carpintaria e agrícola” (ESPÍNDOLA, 2016, p. 299).

É necessário atentarmos para a construção da memória oficial e de como sucedeu a organização da escola. Possuindo em seu primeiro ano, uma turma de 17 alunos é caracterizada adjetivamente como um período de experiência e iniciação. Se analisarmos os alunos e os ofícios escolhidos, pois essa divisão social do trabalho favorece “uma hierarquia das forças de trabalho” (MARX, 2013, p. 424) hierarquicamente.

Com muita luta e determinação, **a Escola Profissional iniciou os trabalhos com 17 alunos, aprendendo os seus ofícios.** Ao final do ano, 13 deles se formaram e que foram: 1) João Brás – Chefe de Sapataria e Barbeiro; 2) Antônio Pedroso – Alfaiate; 3) Francisco Gonçalves – Tipógrafo; 4) Benedicto Silva – Cozinheiro; 5) José Fernandes – Sapateiro; 6) José Marianno – Carpinteiro; 7) José Lima – Pedreiro e Agricultor; 8) Pedro Almeida – Carpinteiro; 9) José do Carmo – Carpinteiro; 10) Homero Toledo – Tipógrafo; 11) José Braga – Agricultor; 12) João Murillo – Oficial; 13) Pedro Paulo Ribeiro – Oficial. Os outros 4 iniciantes foram: José Rezende, Estevam Vasconcelos, José Oriollo (que foi para o Seminário) e José Miranda (que se transferiu para o Colégio São José).

O primeiro ano da Escola Profissional foi marcado pelo **período da experiência e iniciação**, onde a fonte maior de esperança foi acalentada por um de seus mestres, o Professor Georges Delahaye, que, em artigo publicado no jornal “O Trabalho”, órgão oficial do educandário, com data de 08/03/18, assim dizia, em seu início: “**Quem vê hoje os meninos da florescente Escola Profissional, apenas poderia reconhecê-los. Os trapos de ontem quase confeccionados de buracos, forma substituídos por um uniforme comum, simples, sem dúvida, mas de uma decência modelar. Os sapatos de outrora que, com grandes bocas abertas de todos os lados, gritavam fome, foram relegados não sei onde, e os de hoje dariam ciúmes no campeão sul-americano de foot-balls**”... E seguia, dizendo que a Escola forma, além da efetiva conduta humana, os mais diversos tipos de ofício, dando oportunidade aos seus alunos que construam o seu lugar na sociedade, pelos variados segmentos.

Os primeiros 365 dias da Escola Profissional forma duros, difíceis, mas foram marcados com **exemplos de determinação do bem comum e gloriosos na tarefa do dia-a-dia**, porém ela prosseguiu, desde então, **formando novos profissionais, aprimorando o caráter e a dignidade humana.** (TOLEDO, E, 1998, p. p. 100 - 101) (grifos nossos)



Na primeira turma matricularam-se 17 meninos, que seguiram diversos ramos sob a direção do saudoso e dedicadíssimo diretor Monsenhor Antônio Rigotti: entre os 17 podemos citar **um exemplar aluno que daí saiu para o seminário, tornando-se o virtuoso e estimadíssimo sacerdote Padre José Oriolo**. Como professor aí se destacou o saudoso George Delahaye, que organizou o primeiro jornal da escola denominado *O Trabalho*. (TOLEDO, A, 1997, p. 79) (grifos nossos)

A organização do jornal *O Trabalho* é relatado pelos memorialistas. Sendo ressaltada quando trazem um artigo produzido pelo professor Georges Delahaye, esse artigo relata os cuidados dos meninos na Escola Profissional Delfim Moreira, com esse discurso comovente e que buscava valorizar o papel da instituição na sociedade local, a narrativa adentra nos princípios morais da formação de trabalhadores e da fé cristã como percursora.

Há também um relato que buscava enaltecer a atuação do diretor Monsenhor Antônio Rigotti, no processo de organização curricular e manutenção das atividades da Escola Profissional Delfim Moreira. Esse diretor foi braço direito do Bispo Diocesano. As oficinas na instituição buscavam preencher as exigências da indústria e do comércio local. A formação dessa primeira turma de primeiros aprendizes da Escola Profissional pode ser educada e disciplinada a partir da dignidade do trabalho. Inserindo esses jovens no mercado de trabalho que estava em ascensão.

As relações políticas e religiosas no processo de organização da Escola Profissional Delfim Moreira são retratadas:

No dia 4 de agosto de 1919, com a presença do Exmo. Sr. Dom Joaquim Mamede da Silva Leite, do Revmo. Sr. Bispo Diocesano, Dom Otávio Chagas de Miranda, do Senador Eduardo Amaral e demais autoridades, foi inaugurado solenemente **o novo edifício da Escola Profissional a que, por decisão do Bispo, foi dado o nome de Delfim Moreira, então Presidente da República**. (TOLEDO, A, 1997, p. 79) (grifos nossos)

A presença das autoridades políticas e religiosas da região na inauguração do novo prédio da “Escola Profissional”, construído no terreno doado pelo senador Eduardo Amaral. Ocorre no mesmo dia uma homenagem ao presidente da república “Delfim Moreira”, decisão tomada pela cúpula religiosa, principalmente, pelos políticos ligados à tradição republicana e pertencente à oligarquia mineira.



Os primeiros 30 anos da fundação da Escola Profissional Delfim Moreira esteve sobre os cuidados da Igreja Católica. A partir do ano de 1947 ocorre a transferências administrativa da escola para a Congregação dos Filhos de Maria Imaculada, conhecidos como os Irmãos Pavonianos, vindos da Itália:

Até hoje, [...], do sonho realizado de D. Otávio, da crença e apoio dos benfeitores, padres e leigos, dos diversos diretores, até chegar a era dos Irmãos Pavonianos, o amor ao trabalho e a tenacidade no ensino fizeram prosperar a Instituição, tornando-a um educandário de ensino profissionalizante que enobrecer a história da terra do Bom Jesus. (TOLEDO, E, 1998, p. 101)

(...) dom Octavio, **desejando perenizar esta sua obra**, entregou a direção da escola, por doação, aos cuidados dos padres Pavonianos, os quais construíram um novo prédio e ampliaram as suas instalações (GOUVÊA, 1998, p. 182) (grifo nosso).

A memória oficial buscou elogiar ação do Bispo Diocesano na doação da Escola Profissional Delfim Moreira para os Irmãos Pavonianos. Sendo esse ato, uma forma de progredir a obra de educação profissional oferecida aos meninos pobres e órfãos de Pouso Alegre.

Essa pesquisa apresenta como tema principal, a construção da memória oficial da Escola Profissional Delfim Moreira, na cidade de Pouso Alegre, entre 1917 a 1947, através da literatura memorialista. As análises aqui apresentadas partiram da literatura memorialista. A investigação sobre os discursos que foram produzidos pelos representantes das classes dominantes sobre as instituições educacionais. O pilar do poder se encontra assentada no diâmetro das relações, entre a memória oficial e de seus discursos produzidos pelos “vencedores”.

Referências bibliográficas

ARDUINI, Guilherme Ramalho. **Em busca da Idade Nova: Alceu Amoroso Lima e os projetos católicos de organização social (1928-1945)**. São Paulo/SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

BATISTA, Eraldo Leme. **Trabalho e educação profissional nas décadas de 1930 e 1940 no Brasil: análise do pensamento e das ações da burguesia industrial a partir do IDORT**. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação/FE, Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP: Campinas/SP, 2013.



CAMILOTTI, Virgínia; NAXARA, Márcia Regina C. **História e Literatura: Fontes Literárias na produção historiográfica recente no Brasil. História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 50, p. 15-49, jan./jun. 2009. Editora UFPR

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização**. 2ª edição, São Paulo/SP: Editora UNESP; Brasília/DF: FLACSO, 2005.

GONÇALVES, Paulo Celso Costa. **Formação do trabalhador e ensino profissional: a escola profissional masculina de Rio Claro**. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação/FE, Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP: Campinas/SP, 2001.

GOUVÊA, Octávio Miranda. **A História de Pouso Alegre**. Borda da Mata – MG: Art's Gráficas e Editora Imagem, 1998.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão [et al.], 7ª edição revista, Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2013.

MACHADO, Maria Lúcia Buher. **Racionalidade, trabalho e harmonia social: configurações do projeto de modernização brasileira e ensino industrial na Escola Técnica de Curitiba (1930-1960)**. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação/FE, Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP: Campinas/SP, 2010.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política: Livro I: O Processo de Produção do Capital**. Tradução de Rubens Enderle, São Paulo: Boitempo, 2013.

MICELI, Sergio. **A elite eclesiástica brasileira: 1890-1930**. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2009.

QUELUZ, Gilson Leandro. **Concepções de Ensino técnico na República Velha 1909-1930**. Curitiba: Editora CEFET-PR, 2000.

SANTOS, Jackson Novaes. Vestígios do “lugar social” na escrita dos memorialistas. **Anais do XX Ciclo de Estudos Históricos**. Bahia: Universidade Estadual de Santa Cruz, 2009.

SILVA, Romeu Adriano da. **Escola Profissional Mixta “Cel. Francisco Garcia”**: as relações entre educação e trabalho no capitalismo periférico (1931 – 1936). Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação/FE, Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP: Campinas/SP, 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. 3ª edição, Rio de Janeiro/RJ: Bertrand Brasil, 1995.

TOLEDO, Alvarina Amaral de Oliveira. **Uma História Que Já Vai Longe**. Niterói, Gráfica Falcão, 1997.



TOLEDO, Eduardo Amaral de Oliveira. **Estórias do Mandu**. Editora Gratcenter: Pouso Alegre/MG, 1998.